

Na cura dos males do corpo e da alma - Registos nas aldeias de Carviçais e Mós, Torre de Moncorvo

Arnaldo Duarte da Silva¹

Resumo: Em 2010, sendo sabedores de que se iam encomendar às almas na aldeia de Mós, aí nós deslocámos para nos inteirarmos e registarmos a manifestação de carácter religioso, ainda que em acentuado desuso nos tempos atuais, mas sempre muito ligado à morte e eternidade dos que partiram. A letra do canto remete para o pecado, o arrependimento e a saudade, em que as almas imortais, criadas à semelhança de Deus, mais não fazem do que esperar a sua salvação. Já a música, arrastada no seu canto, remete-nos para a reflexão dos feitos na vida. Mas é no silêncio na aldeia, com as portas fechadas ou, tão simplesmente, com uma abertura para melhor se ouvir o cântico, que melhor percebemos que na morte dos outros, achamos sempre razão para sossegar-mos enquanto vivos.

De regresso da aldeia, aquando de alguns registos fotográficos no mês de junho de 2020, deparámo-nos, na proximidade de Carviçais, com um estudioso das plantas, em plena safra nos montes. Em Mós, procura-se a depuração das almas e em Carviçais a cura através das plantas. Um misto de corpo, espírito e consciência.

1. Na procura de apagar as maldades levadas com a alma

Já nos anos trinta, do século passado, o Dr. Joaquim Santos Júnior percorreu a aldeia de Mós, a fim de fazer registos fotográficos enquadrados no levantamento dos valores etnográficos, com destaque para a fonte de mergulho e as ruínas do castelo de Mós, sem esquecer as mulheres e as suas vestes. Também, preocupado com as recolhas, estas enquadradas nos conteúdos religiosos, musicais e lúdicos, entre outros, o padre Joaquim Manuel Rebelo efetuou registos nas aldeias de Torre de Moncorvo, mas sem termos certezas se também teve o privilégio, de nos vários lugares da freguesia de Mós, ter ouvido “... *um cantar dolente que comovia*”².

Contudo, fez o registo da “Encomendação das almas” nas aldeias de Felgueiras, Peredo dos Castelhanos e Carviçais, e dos “Martírios”, na aldeia do Larinho, todas pertencças do concelho de Torre de Moncorvo. De salientar que o registo da “Encomendação das almas”, nas aldeias de Felgueiras e de Carviçais é acompanhado da respetiva música na pauta, nas Notas Etnográficas publicadas em 1995. Em ambas, há uma singularidade no cantar e até no registo da letra. As diferenças residem logo no refrão, “Acordai, ó pecadores”, em Felgueiras, e em Carviçais, o apelo remete para, “Acordai, ó irmãos meus”. Já em Mós, o canto é tido como semelhante ao de Carviçais nos primeiros versos, mas completamente distinta no encadeamento dos que se seguem, assim como na entoação musical. Apesar de estarem próximas as duas aldeias, a identidade revela-se como essencial para preservar uma personalidade que colidiu, e foram tantas as vezes, em desacatos e alguma desordem pública.

Meia noite de quinta-feira Santa e o silêncio nas canelhas, quase celestial, só é interrompido com o ladrar dos cães. Uma dezena de almas rezam na aldeia de Mós por aquelas que já partiram, pois “*À noite,*

¹ Professor do 1º Ciclo e proprietário do Núcleo Museológico da Fotografia do Douro Superior em Torre de Moncorvo

² A Terra Transmontana e Alto Duriense, Joaquim Manuel Rebelo, 1995, pág. 19.



Fig. 1 Parte superior do portão em ferro forjado, no cemitério antigo contíguo à igreja Matriz de Santa Maria, séc. XVI, Mós, onde se lê, "Descanso eterno"



Fig. 2 Grupo de encomendadores das almas, Mós, 07/04/2004

na Quaresma, quando tudo dormia, lá se ouvia, em vários lugares na freguesia, nas paragens³. Os presentes, tendo a noção de que "todos nós morremos, e chegará um dia, que será para nós o último"⁴, lá iniciam o canto na capela do Calvário, seguindo para as várias estações, estas, desde tempo imemoriais, identificadas como lugares de culto, segundo nos informou a senhora Domitília Aires. Apercebemo-nos que na memória dos encomendadores, andam, permanentemente, a procurar razões para afastar o temor de uma morte próxima, em vez de discorrerem o pensamento ao se posicionarem na ideia de que amanhã já não poderão estar vivos.

É sabido, segundo a crença cristã e de transmissão geracional que "Com o peccado nunca entraremos no céu"⁵. Por este facto, as senhoras mais idosas sempre direccionaram a conversa para o Céu, como se não pudéssemos ver Deus, indo acompanhados de pecados, devendo ser expiados por meio da penitência.

Mas, desde sempre, a ideia do que se sofre quando se morre, é bem evidente quando "Penaõ as almas no Purgatorio dias que parecem anos, anos que parecem seculos, e tal vez (como de algumas

foy revelado) padecem até o fim dos tempos e só o ultimo dia do Mundo o será de seu tormento"⁶.

O encomendar às almas, mais não é do que exercícios dos vivos a fim de acalmar os que já partiram, providos de pecado e a necessitarem das graças da absolvição, pois "Alli se paga penado; aqui com Indulgencias, y de muchos modos. Aqui rezando, y merecendo; alli sim merecer, ardiendo em vivas llamas, y em tormentos tan terribles"⁷.

Na aldeia de Mós, a reza é muito distinta da de Carviçais e o seu canto é mais arrastado, melódico e afirmativo. Há uma identidade, sem interferências no tempo, o que torna este cantar uno no esquema métrico, pois "Acrecente-se que a memória do povo não adquiriu aquela fidelidade na reprodução das cantigas, fidelidade que só a cultura dá, mas há na melodia tópicos fáceis de reter. O povo tira das cantigas melodias novas, aproveitando-lhes só um fragmento a que o ritmo não é indiferente ou no modelo ou no que se pretende fazer servir a novo fim"⁸.

Assim, para melhor compreendermos as diferenças das letras, privilégio para serem ouvidas, são apresentadas segundo a leitura musical.

Encomendar às almas em Mós

(recolha efetuada por Arnaldo Silva)

Acordai
 Óh, irmãos
 Óh irmãos meus
 E desse sono
 E desse sono em que estais
 E desse sono
 E que as almas se estão
 Se estão queixando
 E que delas
 E que delas vos não
 Vos não lembrais
 E que delas
 Acordai, óh ir
 Óh irmãos meus
 E desse sono
 E desse sono
 Tão profundo
 E desse sono
 Inde a ver uma
 Uma estrela
 E c' alumie
 E c' alumie a todo
 A todo o Mundo
 E que c' alumie
 Perdoai, óh ir
 Óh irmãos meus
 E por eu vi
 E por eu vi
 A ééé
 A esta hora
 E por eu vi
 E ficai com
 Com Je
 Com Jesus Cristo
 E eu com Ele
 E que eu com Ele
 Me vou
 Me vou embora
 E eu com Ele

Encomendação das Almas em Carviçais

(recolha efetuada pelo padre Rebelo)

1. Acordai, ó irmãos meus
 Desse sono em que`estais
 As almas se estão queixando
 Queixando que delas vos não lembrais
2. Acorda, ó pecador
 Desse sono elevado;
 Olha lá não amanheças
 No inferno sepultado
3. Rezemos uma Salvé Rainha
 À Virgem Nossa Senhora
 Que no tribunal divino
 Seja nossa protectora.
4. À porta das almas santas
 Bate Deus a toda a hora;
 As almas lhe responderam:
 - Ó meu Deus, que quereis agora?
5. Perdoai, ó irmãos meus,
 Por eu vir a esta hora;
 Rezaí todos pelas almas
 Que eu com deus me vou embora.

Na verdade, esta manifestação vai mais ao encontro da penitência dos pecadores já partidos, pois a morte "É a separação da alma do corpo"⁹. Importa salientar que, segundo as orientações da Igreja, a alma "Vae para o céu, ou para o inferno, ou para o purgatorio, segundo as suas obras"¹⁰.

Para não se perder a iniciativa de registo, o grupo ainda nos brindou com mais dois cânticos: Manso Cordeiro e Santa Maria Madalena.

O cantar ao Manso Cordeiro, este dedicado ao Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, "faz-nos entrar no mistério da morte e da ressurreição do Senhor,... que arrisca toda a Sua vida para nos salvar, isto é, para nos ter e manter a salvo nas

3. A Terra Transmontana e Alto Duriense, Joaquim Manuel Rebelo, 1995, pág. 19.

4. Pensai-o Bem ou Cuidados da Alma Penitente, P. Bartholomeu Bandrand, 1869, pág. 25.

5. Pensai-o Bem ou Cuidados da Alma Penitente, P. Bartholomeu Bandrand, 1869, pág. 23.

6. Meditações da Via Purgativa sobre a malícia do pecado, P. Manoel Bernardes, 1731, pág.355.

7. Declamaciones Sacras Politicas, y Morales sobre Todos os Evangelhos de la Quaresma, R.P. Francisco Garau, pág. 218.

8. Cancioneirinho de Fozcoa, Edmundo Arménio Correia Lopes, 1926.

9. Catechismo Abreviado da Doutrina Christã, para uso da Mocidade Portuguesa, D. José Alves de Mariz, 1888, pág. 51.

10. Catechismo Abreviado da Doutrina Christã, para uso da Mocidade Portuguesa, D. José Alves de Mariz, 1888, pág. 51.



Fig. 3 Grupo dos encomendadores das almas
1 - Mavilde Póvoa, 2- Virgínia Pontes,
3 - Zaida Branco, 4- Flora Pina,
5 - Estrela Bento, 6- Estela Pina, 7 -,
8 - Osefina Gaspar, 9-Esmeralda Gabriel,
10 - Helena Pina, 11- Rafael Pina

mãos bondosas do Pai. Assim, Jesus Cristo, nosso Cordeiro e Pastor, desafia-nos a ter a coragem de arriscar tudo, pela promessa de Deus¹¹.

A contemplação da música exercita a oração para um amor incondicional por Jesus Cristo e à sua interceção divina.

O Manso Cordeiro

O manso Cordeiro
Eu quero ser Vosso { bis
Por isso Vos rezo este Padre-Nosso
Por isso Vos rezo este Padre-Nosso
Este Padre Nosso { bis
É tão verdadeiro { bis
Rezemo-lo todos { bis
Ao Manso Cordeiro { bis
Óh Manso Cordeiro { bis
P'ra onde caminhais { bis
P'ro Monte calvário { bis
Bendito sejais { bis
Bendito, bendito { bis
Mil vezes e mais { bis
P'ro Monte Calvário { bis
Bendito sejais { bis

A Terra tremia
Com peso da cruz { bis
Dizei-o mil vezes { bis
Salvai-me Jesus { bis
Já lá vai Jesus { bis
E vós que lhe quereis { bis
P'ro Monte Calvário { bis
Bendito sejais { bis
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Na beleza da harmonia do canto, o grupo mantém a elevação penitencial ao caminhar a ritmo pautado pelo silêncio. Posteriormente, e resumido a duas quadras, o canto remete para os pecados de Maria Madalena, e para a sua remissão, pois *“He verdade que a Magdalena foy peccadora en uma Cidade: in Civitate peccatrix. Mas também foy penitente na mesma Cidade, e em outras partes, de poys de peccadora”¹²*. Mas a lentidão musical é um assombro de inesperados arrastamentos, percebendo que há uma perfeita ligação entre o pecado e o seu arrependimento, até porque *“Busquemos os pés de Cristo com os corações abrazados em chamas, e os olhos detretidos em lagrimas, como a Magdalena fez, para que Cristo nos perdoe, como fez à Maglarena”¹³*.

¹². Zodíaco Soberano que entre dous cometas da vida humana contém brilhantes astros, Fr. Manuel de S. Joam Baptista, 1734, pág.191.

¹³. Zodíaco Soberano que entre dous cometas da vida humana contém brilhantes astros, Fr. Manuel de S. Joam Baptista, 1734, pág.191.

¹¹. A coragem de arriscar pela Promessa de Deus, comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, 2019.



Fig. 4 Nicho Sagrado à entrada de Carviçais (também adornado com flores naturais).

Santa Maria Madalena

E na Sanananta
E chooro a amarguraaada
E chooro os seus pecaaaados
E da viida passaaaada

E Madaleena aa Santaaa
E chora arrependiiiiida
E choro os seus pecaaaados
E da passaaada viiiiida

E também vejoo o túmuuuulo
E também vejo o Senhor do Mundo
E também vejo o teu munun
O Senhor do Mununundo

Nas várias estações, o canto é interrompido pelo ladrar dos cães, a lembrar despertares do divino, ritmado e nos intervalos da reza. As restantes al-

tém brilhantes astros, Fr. Manuel de S. Joam Baptista, 1734, pág.191.

mas, nos casarios com traços medievais, escutam e penitenciam-se em silêncio profundo.

Finalmente, e após esta manifestação, a recolha ficou-se à espera que o tempo, aliado dos levantamentos etnográficos, o soubesse valorizar, sem deixarmos de referir que tivemos a companhia do Dr. Nelson Rebanda e do Bernardo Silva, jovem promissor na defesa dos registos e valorização das tradições transmontanas.

2. Na cura das maleitas do corpo. Uma experiência a lembrar as mulheres de virtude

Quase ermitão, perfeito sabedor das características das plantas do campo, descobrimos o homem que mais sabe de chás e mesinhas milagrosas em Carviçais, Torre de Moncorvo. Já em tempos idos, o padre Joaquim Manuel Rebelo observava que em relação ao segredo das plantas, *“Antes que desapareça há que estudar esta cultura...”¹⁴*. Esta

¹⁴. A Terra Transmontana e Alto Duriense, Joaquim Manuel Rebelo, 1995, pág. 52.



Fig. 5 Manuel dos Santos Dinis, em partida para o campo



Fig. 6 Manuel dos Santos Dinis, o arqueólogo das plantas



Fig. 7 Na colheita do fel-da-terra



Fig. 8 De um amarelo intenso, o hipericão domina a comunidade florida

preocupação foi motivo para que ele tenha efetuado registos na identificação das plantas, seus benefícios para a saúde, assim como as mesinhas a aplicar nas maleitas, num total de seis dezenas. Acredita-se que tal recolha foi efetuada em todo o concelho de Moncorvo.

Desde sempre, as plantas foram utilizadas no combate à doença e no seu controle. As suas propriedades analgésicas e curativas permitiram a sua utilização no dia a dia, sempre com respostas muito positivas aos problemas de saúde, pois “*O homem deliciou-se sempre com a contemplação dos animais, das flores, das árvores, do céu, do mar e das montanhas*”¹⁵.

Se na aldeia de Mós, distando cerca de 5Km da de Carviçais, o encomendar às almas, e demais rezas, possibilitavam um remédio para males da alma e um encontro com a devoção, já as plantas medicinais, estas em abundância na freguesia de Carviçais, remetem-nos para espaços ricos de diversidade da flora, em perfeita harmonia com a mãe Natureza.

As tradições na sua utilização e as suas práticas sempre pautaram por obter respostas aos problemas e ao sofrimento humano. Mas, também “*Concordamos que o património natural, cultural*

ou histórico, inscrito num determinado território e afecto a uma população, representa um produto de valor inestimável, pelo que a sua protecção não pode confinar-se apenas aos poderes públicos...”¹⁶

Fazer um chá de alecrim para ajudar a tratar a asma, ou um outro como a flor de sabugueiro para combater as gripes e os resfriados, são motivos para nos sentirmos sempre acompanhados de soluções existentes no meio local.

Assim, como sabemos que os saberes foram transmitidos de geração em geração, qual almejar à memória coletiva, foi determinante para o senhor Manuel Dinis inteirar-se das propriedades das plantas nos ensinamentos dos livros, tomando-os por companheiros, mas não se limitando só a entendê-los. Verte a suas energias, limitadas a uma incómoda hérnia inguinal, no plantio das mais recomendadas para os males que o vão abanando, principalmente no inverno. Ostenta fartas mãos de tanto ter trabalhado na construção civil, mas o que mais o incomodou na vida foi o facto de terem assaltado a sua casa, em Lisboa, e lhe terem roubado um livro de plantas medicinais. A sua mágoa continua perpetuada nas suas ricas e adornadas

¹⁶ Carviçais Aldeia Transmontana, Urbana Maria Bolota Cordeiro, pág.372.

palavras, com um discurso erudito, consubstanciado no conhecimento dos livros.

Discursa como se o tempo não o limitasse e mostra no campo, qual arqueólogo das plantas, as mais belas da sua terra, e todas com características medicinais.

Já em plena safra, aborda-as como se estas já o conhecessem e até se espanta com um aglomerado de fel-da-terra. A vista já lhe vai fugindo e os movimentos quedam-se limitados na irregularidade do terreno. Lembra que a bardana-maior deve ser a planta que melhor elimina as toxinas no nosso organismo. Indica-as com o seu cajado e colhe-as com técnica aprimorada. Salienta que só quando a seiva se encontra “em baixa” é que a colheita se pode efetuar.

Na sua enorme dimensão e saber, importa melhor conhecer o agora apelidado “arqueólogo das plantas”. Nasceu em Carviçais, aldeia pertença do concelho de Torre de Moncorvo, e o seu testemunho é rei na identificação das plantas com características medicinais. Tem 65 anos e uma sabedoria ímpar. Usa a bicicleta como meio de transporte na aldeia e é com ela que se desloca para as colher. Chama-se Manuel dos Santos Dinis.

Na aldeia não é levado muito a sério porque, segundo afirma, “não percebem nada destas coisas”. Os

mais velhos ainda o toleram, pois ainda identificam duas ou três espécies de plantas com propriedades. Possui uma vasta recolha a secar e outras já em sacos, com a respetiva identificação. Conhece, como ninguém, as plantas e as suas características e acredita que se relaciona com elas como se estas lhe fossem comunicar algo de importante. Olha-as e logo, num clic, se debruça para as mimar e num corte de técnica apurada as separa da mãe raiz, para que no próximo ano rebentem mais. Recorre-se de livros técnicos para, em caso de dúvida, se argumentar, nomeadamente das suas propriedades. Tem, desde que regressou à sua terra natal, indicado determinadas “ervas e outras mesinhas” a quem padece de maleitas. Conta que é visitado, amiudadas vezes ao ano, por várias pessoas, de Torre de Moncorvo e até de outras terras. Para os que padecem da diabetes recomenda-lhes o fel-da-terra. Faz um chá com sabor amargo, mas de efeitos a partir do terceiro dia. Deve ser tomado todas as manhãs, numa chávena pequena. Os médicos nem querem acreditar. Alguns “deixam de lhe passar os comprimidos” e até lhes recomendam que continuem a tomar o milagroso chá.

Se a o chá “dá sempre resultado”, os xaropes e o óleo infuso tem efeitos imediatos em vários problemas de saúde, nomeadamente nas articulações, nos ossos e ao nível das infeções.

¹⁵ O Homem, esse desconhecido, Dr. Alexis Carrel, pág. 152.



Em terras que já foram de cultivo de cereal, a harmonia de cores dita a paisagem, como pintura multicromática e sentidos vários. Iniciou a apanha com uma planta rara e de comunidades muito limitadas. Discorre a sua sabedoria, como se uma enciclopédia se tratasse, ainda que acometido, raras vezes, de esquecimento incomodativo. Adianta que o fel-da-terra tem como ação medicinal o reforço da função digestiva, sobretudo ao nível do estômago. Acelera a decomposição dos alimentos, estimula o apetite e aumenta a produção de bilis. Tem, também, funções anti-inflamatórias, ajuda no tratamento de doenças do fígado gordo e da tosse. Ainda, e de importância superior, indica o seu chá, em tomas diárias e em jejum, para os diabéticos. A planta possui cachos de flores de cinco pétalas cor-de-rosa, e todas as partes aéreas são utilizadas na confeção do chá.

A conviver com o fel-da-terra, o hipericão, também conhecido por erva de São João, tem propriedades no combate às depressões e a problemas nervosos, como a ansiedade, a tensão e a insónia. É benéfico, ainda, para os problemas da menopausa, aliviando os sintomas de alterações hormonais. Ostenta belas flores amarelas e sempre foi considerado detentor de poderosas propriedades mágicas, nomeadamente repelir o mal. Adianta que, “só de ver estas lindas flores a depressão vai acalmando”. O contacto com a Mãe Terra, no contacto direto com o que de melhor a Natureza nos oferece, garante a tranquilidade e a acalmia para o equilíbrio. O seu óleo vermelho é usado no tratamento de feridas e queimaduras e também alivia a dor nos músculos.

O que mais o emocionou, pelo recuo à sua meninice, foi termos encontrado uma colónia de dedaleiras, também conhecido por troques. O seu chá exerce poderes curativos num coração doente e devem ser utilizadas as suas folhas para fazer o chá. Afirmo que o coração bate de uma forma mais regular quando as tomas são diárias e em jejum.

Conhece o cardo de Santa Maria como ninguém, pois possui belas flores rosadas e púrpuras e com as suas folhas espinhosas é considerada de planta daninha. Indica o seu chá para combater infeções

Fig. 9 (ao lado) As belas dedaleiras em local abrigado



Fig. 10 Cardo de Santa Maria já seco

do fígado, pois as suas sementes fervidas libertam componentes medicinais que desintoxicam e deve ser tomado meia chávena por dia. Diz, ainda, que a sua flor é utilizada para comer, após cozida, para aumentar a produção de leite materno, assim como coalhar o leite. Mas a característica que mais salienta é o seu efeito nas doenças do stress.

No aprazível momento de encanto, por desfrutarmos de tanta vida florida, deleitam-se flores num vasto campo chão. É a margaça das boticas. O Sr. Manuel, além de salientar a sua simples flor, diz-nos que é utilizada para tratar problemas digestivos, acidez, gastrite, flatulência e cólicas. É também indicada para o tratamento do cólon irritado, das dores de cabeça e da recuperação da vista. Para fazer o chá, deve utilizar-se só a flor, na percentagem de quatro colheres de chá da planta seca em meio litro de água.

Na busca incessante de identificar uma grande variedade de plantas, entre o hipericão e o barbasco, separa do chão a hortelã silvestre. Diz-nos que, além de ser aromática para as casas, serve para tratar problemas digestivos e do aparelho respiratório. Toma-se, ainda, para aliviar as dores de cabeça.

Em frente à sua humilde casa, na canelha, em vasos de barro, salienta as qualidades da planta na sua eficácia contra as queimaduras e nas feridas, acelerando a cicatrização e reduzindo o risco



Fig. 11 As elegantes e formosas margaças da botica

de infeção. É também usada para tratar úlceras e o cólon irritado. Utiliza-se o gel transparente que é contido nas folhas. “Toda a gente deveria ter nas suas casas esta planta milagreira” pois, aquando de uma queimadura, o melhor de todos os remédios é a baba do aloé vera. Mas no seio familiar, ainda, ele é muito importante para colocar no dedo, polegar como hábito, das crianças para inibir a vontade de chuchar.

Se no campo as variedades são muito diversificadas, como o basilico sagrado, a alteia, a bardana maior, a pionia, a cachapeira, o trevo de água e a flor de carqueja, entre outras variedades, todas com características medicinais, sem esquecer as de porte como o sabugueiro, o zimbro e o eucalipto, a sua junção requer, como afirma o sr. Manuel, sabedoria.

A erva cidreira considera-a como um bom relaxante para a ansiedade, depressão e irritabilidade, “devendo fazer parte dos chás e tomado sempre que o coração bater mais rápido”. Até menciona que a toma do chá de cidreira levanta o estado de espírito. É também útil para os problemas digestivos, como a indigestão, acidez, cólicas e alivia os efeitos do herpes. Já do alecrim, acredita que ajuda a circulação, a memória e a concentração. Ainda, recupera de stress prolongado e alivia as dores de cabeça e enxaquecas. Por ter provado os efeitos, acredita que estimula o crescimento do cabelo.



Fig. 12 Perante tanta diversidade de plantas curativas, colhe a hortelã silvestre



Fig. 13 Aloe vera ou erva-babosa



Fig. 14 Infusão de plantas e sementes

Mas é na sabedoria das percentagens e das qualidades das “ervas” e das sementes que o segredo reside.

Para massajar uma perna dorida, uma dor de barriga, “melhor que xarope de alho não há”. Este deve ser feito com álcool ou aguardente e deixar fermentar. Após quatro a seis semanas está pronto para ser utilizado. Já para as tomas em xarope, “deve-se misturar a bardana maior, a consolida, o hipericão e o pimento vermelho. Deve fermentar em óleo de girassol ou azeite virgem”. Ainda, no decorrer da nossa pesquisa, levou o produto a uma senhora de Carviçais e os resultados foram quase de cura imediata. São, como diz o sr. Manuel “resultado de percentagens certas para combater os males do corpo”.

3. Considerações finais

No nosso registo sobre a encomendação às almas e dos chás curativos, reiteramos que este não se olvide nas gerações seguintes, incentivando a sua utilização para fins culturais e da memória de um povo.

O som do “cantar às almas” são mais um instrumento para a comunidade científica fazer a abordagem etnográfica e antropológica dos vários locais onde esta tradição continua viva. Ao que se conhece em Torre de Moncorvo, acrescenta-se uma parte da nossa tradição, esta em declinar quase eterno. Resta apelar ao ressurgimento desta manifestação quaresmal, pois era prática em quase todas as aldeias do concelho. Se o esforço vindouro resultar, estaremos a contribuir para o enriquecimento cultural de uma região que deve apostar na preservação da sua história.

O chá e xaropes, obra de um quase eremita em Carviçais, deve ser estudado com a finalidade de se conseguirem identificar mais ingredientes ativos, de forma a serem utilizados como medicamentos, sempre na busca constante da saúde do Homem.

Finalmente, o apelo aos registos, em som e imagem, das memórias das nossas tradições destes lugares de encanto, devem ser rumo para as próximas gerações nos definirem como agentes preocupados com os valores culturais rurais.

Bibliografia e Fontes

- A Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, A coragem de arriscar pela Promessa de Deus (2019)
- BANDRAND, P. Bartholomeu, Pensai-o Bem ou Cuidados da Alma Penitente (1869)
- BAPTISTA, Fr. Manuel de S. Joam, Zodiaco Soberano que entre dous cometas da vida humana contém brilhantes astros, Tomo II (1734)
- BERNARDES P. Manoel, Meditações da Via Purgativa sobre a Malícia do Pecado (1731)
- CARREL, Dr. Alexis, O Homem, Esse Desconhecido (1947)
- CORDEIRO, Urbana Maria Bolota, Carviçais Aldeia Transmontana (2017)
- GARAU, R.P. Francisco, Declamaciones Sacras Politicas, y Morales sobre Todos os Evangelhos de la Quaresma (1709)
- LOPES, Edmundo Arménio Correia, Cancioneirinho de Fozcoa (1926)
- MARIZ, D. José Alves de, Catechismo Abreviado da Doutrina Christã, para uso da Mocidade Portuguesa (1888)
- REBELO, Joaquim Manuel, A Terra Transmontana e Alto Duriense (1995)
- ROGERS, Maryann, O Guia Completo das Plantas Mediciniais (2000)



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e ouça na íntegra a “Encomação das Almas”, recolha de Arnaldo Duarte Silva

Fig. 15 (ao lado) Xarope de várias plantas e sementes

